

Cartel franco-brésilien de psychanalyse

Cycle de conférences-débats 2020-2021

Retour de bâton ? (suite)

Mercredi 02 juin 2021

Traços do retorno do bastão no Brasil

Maria Idália de Góes

Boa noite a todos,

Obrigada Ângela Jesuíno pelo convite, que me dá a oportunidade de organizar uma parte desse mundo de inquietações que vivemos no país e trazer uma palavra que permita receber as contribuições dos que estão aqui. Algumas das questões que nos concernem se fazem ouvir em outras partes do mundo, mas procuro fazer um esforço de entender como chegamos à situação atual e como poderemos lidar com ela. Obrigada especialmente ao Sr Pierre-Cristophe Cathelineau por ter aceitado ler o texto. E obrigada aos colegas que compartilham comigo a questão do laço social no Espaço Oficina de Psicanálise.

Acompanhando o argumento desse período de trabalho na Maison d'Amérique Latine, *Retour de Baton?*, me coloco a questão de como isso acontece no Brasil. Questão enorme que não tenho a pretensão de responder mas que esse trabalho inicial me permite situar alguns problemas.

Vou tratar de dois aspectos que tem sido alvo das preocupações dos analistas no âmbito desse ciclo de conferências. Gostaria de propor o recorte de alguns traços da questão da representação e da autoridade em sua expressão na questão política brasileira; e os efeitos do discurso capitalista no Brasil.

O primeiro ponto busca desdobrar no caso específico do Brasil uma questão fundamental trabalhada no texto do Sr Vandermersch¹ no que concerne à crise da representação e o enfraquecimento da autoridade, o que, no Brasil, desembocou na eleição de um presidente autoritário, que ameaça freqüentemente transpor os limites do Estado de direito e exercer seu governo pelas vias do poder.

Em seu texto o Sr Vandermersch traz a visão de Lacan, que entende a questão da autoridade como discurso, a partir de uma leitura do discurso do mestre muito importante: "*Dans cette structure la place de l'agent n'est pas hiérarchiquement supérieure à celle sur laquelle s'exerce son action : elle est Autre. Le maître n'est pas, en tant que commandant, supérieur au commandé (comme l'avait déjà noté Aristote⁷), il est dans une autre position.*"

Aí é que está. No Brasil o lugar da autoridade foi, em sua fundação, ocupado pela força do poder militar, acompanhado do poder econômico e religioso. O que tem me impactado é pensar que essa condição sofreu transformações, mas ainda encontramos seus traços colocando dificuldades ao laço social nos dias de hoje.

¹ "Bâton de Régisse" De l'autorité aujourd'hui

No Brasil a posição de autoridade simbólica sempre foi enfraquecida. A violência foi exercida de modo radical pela escravização de homens: primeiro os índios e depois os negros trazidos de África.² O mando foi exercido desde saída pelo poder, que desde sempre foi um poder violento. E essa violência não foi exercida somente sobre os homens escravizando-os, por mais que esta tenha sido a violência mais radical. A violência foi exercida de modo mais amplo. Por exemplo, praticamente todos os movimentos de revolta no Brasil colônia (mesmo os que não eram contra a coroa, mas somente contra seus representantes locais) terminaram com a execução de seus líderes e a exposição de seus corpos como exemplo. E não porque houvesse uma lei sobre isso, mas porque essa era a decisão de quem estava no comando.

De modo muito amplo o lugar da autoridade não era centrado em uma diferença de lugares como encontramos no exercício do comando pelo discurso do mestre, como posto pela estrutura da linguagem. Onde aquele que está na posição do Um se autoriza nesse lugar do significante S1, de um lugar de representação, de castração, e que, para isso, precisa do poder que vem do Outro, como nos lembrava o Sr Vanderersch. Onde esses lugares são inclusive virtualmente intercambiáveis. Nas origens do Brasil o poder se exercia pela força, um poder que se confunde com a pessoa que o exerce. O Outro é coisa, resto. É lógico que encontraremos inúmeras situações que escapavam a esse funcionamento, mas, sem dúvida alguma, é ele que predominava no laço social.

Quando a violência chega ao ponto da escravidão ninguém pode sair ileso. Isso forjou alguma coisa entre nós.

Vejamos como Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling³ nos descreve o processo de disseminação da escravidão na colônia em seu livro *Brasil: uma biografia*.

“Era difícil escapar da escravidão. Aliás, no caso brasileiro ela tomou o território todo, e foi responsável pela maior importação forçada de trabalhadores africanos até hoje conhecida. E, de tão disseminada, a instituição deixou de ser privilégio de grandes senhores de engenho. Padres, militares, funcionários públicos, artesãos, taberneiros, comerciantes, pequenos lavradores, pobres e remediados, e até libertos possuíam escravos. Por essas e por outras é que a escravidão foi mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, de desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita.”

A escravidão deixou marcas sob novas formas. Para muitos brasileiros que procuram entender o Brasil no qual vivem, a percepção é de que traços desse tipo de relação inaugural continuam a se reproduzir. Obviamente com grandes modificações. É obvio que não é mais legal escravizar um homem. Mas a questão é que além da nossa desigualdade social ser uma das maiores do mundo, ela não recorta somente uma desigualdade econômica. Ela inscreve também um superior e um inferior; um cidadão de

² Foram transportados para as Américas de 8 milhões a 11 milhões de africanos durante todo o período do tráfico negreiro; desse total, 4,9 milhões tiveram como destino final o Brasil.

³ Cf pg 59-60

primeira, de segunda, e de terceira categoria⁴; uma hierarquia social; e é por esse tipo de desigualdade que se articula um lugar para a cor da pele, para o feminino, o pobre, o homossexual, ou seja, tudo o que socialmente, culturalmente, pode vir a ser tomado no campo Outro. Não que isso aconteça de modo igual. A cor da pele é particularmente alvo desse funcionamento. Mas poderíamos levantar muitos exemplos em situações cotidianas onde no lugar do laço social se inscreve uma hierarquia, uma superioridade, a exclusão. Esse tipo de divisão aparece tanto no espaço público quanto nas relações pessoais.

Me parece que é uma questão central no Brasil esse tipo de divisão social que procuro demarcar aqui. Esse tipo de organização social impede o fortalecimento de uma democracia. Quando estava escrevendo esse trabalho recebi um curto vídeo da filósofa Marilena Chaui.⁵ O que ela diz é muito próximo do que trago aqui. Ela diz, *“No Brasil tem sido praticamente impossível instituir efetivamente a democracia. Nossa sociedade é uma sociedade autoritária, oligárquica, violenta, hierarquizada. Que estabelece sempre uma relação de hierarquia entre as pessoas. Em que um manda e um outro obedece. De tal modo que os direitos no Brasil se dissolvem.”* A fragilidade dos direitos é o correlato dessa relação violenta e hierarquizada. E, se, o direito não é garantia de sujeito, sem direitos, portanto, sem Lei, o campo do sujeito fica muito difícil.

Muito diferente é um laço social discursivo. Vejamos o que propõe o sr Melman sobre o discurso em seu texto *“Quel chef veut le peuple ?”* texto de 2017.

“Un discours, c’est un lien avec autrui qui implique la référence réciproque, le rapport avec cette instance tierce – qu’on soit athée ou religieux, ça revient au même – qui régule la possibilité de ce qui est dicible et de ce qui ne l’est pas, qui régule en quelque sorte les bonnes mœurs. Cette ternarité fondatrice, fondamentale, fait que dans le discours chacun reçoit son propre message depuis ce tiers. Pas besoin de le nommer et de dire salut à ce dieu, il est là dans l’adresse à autrui par le fait que je partage avec cet autrui la même césure, la même coupure, le même retranchement, le même sacrifice. Comme on sacrifie de la même façon, ensemble on peut s’entendre, et on s’entend dans cette réserve, dans cette pudeur, dans cette discrétion, dans cette façon de chercher à donner à entendre ce qui justement ne serait pas dicible,”

Se esse tipo de laço discursivo está colocado para nós como fato de estrutura por habitar a linguagem, as condições de nosso passado e de nosso presente dificultam sua efetividade. Evidentemente ele acontece em nossa cultura. Mas a todo momento é atravessado por sua destituição.

Como essa questão da autoridade no laço social se desdobra na política?

Não me parece difícil relacionar esse tipo de divisão social com o que se apresentou na política através do populismo, que marca a história do Brasil. Há uma coerência entre a corrosão da autoridade simbólica presente na relação hierarquizada, que institui um inferior e um superior, e o populismo. O populismo não pode ser lido como um retorno dessa marca de uma divisão social onde a dimensão da representação e da autoridade simbólica é frágil?

⁴ Dizem por aqui que o cidadão de primeira categoria está acima da Lei, o de segunda esta sob a Lei e o de terceira (a grande maioria) não tem direito a ela.

⁵ Vídeo do Grupo Autêntica

No populismo reencontramos essa relação de um UM que escapa à castração. No tipo de populismo que tivemos até 2018 esse Um não era violento, ao contrário, era tido como aquele que quer o meu bem. Não pretendo abarcar o que foi a história complexa do desenvolvimento do Brasil, até porque não tenho condições. Mas podemos destacar o populismo como um componente central. Travar a luta de melhoria da democracia, da cidadania, da institucionalização da república, como parte do processo de mudar esse tipo de divisão e diminuir as desigualdades sociais, é lidar com o populismo.

Por um lado, não há como não reconhecer que governos populistas trouxeram a uma grande parte da população reformas, direitos, inclusão. Mas no tocante à construção da democracia, da cidadania e do espaço público, o populismo traz dificuldades.

A personalização do lugar de autoridade e comando no populismo tende a estabelecer uma relação direta entre a população e seu líder como se se prescindisse das instituições. Tende a estabelecer um tipo de divisão entre um “eles” e um “nós”, que falseia a complexidade do que está em curso e que precisará ser enfrentada por todos. Coloca os avanços necessários, os avanços possíveis, como don de um líder que quer o seu bem, o que coloca o sujeito na passividade e na espera de que se cumpra a promessa de um gozo ilimitado que está aí logicamente implicado. Não cabe aqui o modo de identificação ao pai real, como nos descreve o Sr Cathelineau “*C’est-a-dire um père tel qu’il existe au moins un x que ne soit pas castré et que domine en quelque sorte le champ ouvert de la jouissance, de la jouissance collective.*”?

O preço a pagar pelos avanços fica fora da conta (mas ele retorna). A promessa de satisfação que o líder populista atualiza não pode incluir nenhuma perda. Qualquer perda ameaça seu lugar não barrado. A perda, que sempre está em jogo, não pode ser acolhida como um limite real. Por não fazer parte do exercício da política a perda envolvida terá poucas formas de compreensão. Será lida como fracasso pessoal do líder ou um roubo do gozo que deveria ser repartido e que foi privatizado. Tudo isso gera o enfraquecimento da organização política, civil e partidária. Temos um papel na leitura do que aparece como perda, como fracasso? Exercemos uma ação aí?

Para continuar a questão política vou introduzir aí os efeitos do discurso capitalista.

Tomo como referência, o texto do Dr. Melman em Bogotá em 2002 e dois textos do Sr Cathelineau: um que ele apresentou aqui na Maison d’Amerique Latine⁶ e seu livro *L’économie de la jouissance*.

Em sua apresentação em Bogotá o Dr Melman nos diz que para que uma comunidade humana seja possível ela precisa ter em seu seio um bem público, que tenha valor de um bem comum. Isso cria, funda, uma comunidade. Diz que esse bem público funciona para cada um como signo de humanidade. O que em nossas democracias modernas pode se positivar na educação, saúde e nos meios de comunicação. Acrescenta que para a psicanálise o nosso bem comum mais precioso é a língua e que esta, necessariamente, introduz uma diferenciação de lugares onde um ocupa o lugar dominante e o outro precisa se fazer reconhecer. Em seguida aponta os efeitos nefastos do capitalismo na possibilidade de produção de algo que tenha valor de bem comum, uma vez que ao longo da história, a mais valia veio se articular como o objeto que eu, na condição de mestre, busco me apropriar no outro. E ao me

⁶ Le retour de bâton: une réponse à quoi?

apropriar desse objeto (a mais valia) produz no outro a negação de sua humanidade, seu lugar de semelhante. Aqueles que conseguem se apossar desse objeto criam sua sociedade de mestres e os outros formam o campo dos excluídos.

O que me parece singular entre nós é que essa consequência decorrente do discurso capitalista já encontra em nossa cultura condições estruturalmente semelhantes. Antes mesmo dos efeitos gerais do capitalismo esse tipo de relação violenta, hierarquizada, que impossibilita o pacto simbólico, já era um dificultador da possibilidade de construir algo que tenha o valor de um bem comum. O capitalismo refunda e fortalece essa relação que rompe o laço social, que hierarquiza e exclui. Vale ressaltar que a expressão neoliberal do capitalismo leva esse funcionamento a um novo patamar. Devasta a dimensão do bem comum e dos direitos sociais. Entregando às leis do mercado, leis de competição, a vida social.

Por outra via o Sr Cathelineau nos mostra que pela positivação do objeto **a** o discurso capitalista captura o sujeito pela promessa de um gozo a mais. Ele sustenta que Lacan estabelece um paralelismo entre os objetos corporais, orificiais da pulsão (o olhar, a voz, o objeto oral, o objeto anal, a letra), e os objetos fabricados. No capitalismo, os objetos fabricados, objetos com valor de troca, articulam o mais de gozar. Onde mais de gozar e mais valia têm uma homologia de estrutura. Trata-se de uma estrutura discursiva que incide diretamente no sujeito ao oferecer um gozo sem limites, que promete uma satisfação plena. Ficamos cativos, todos nós, do mais gozar/mais valia.

Por muito tempo tive um incômodo e uma dificuldade em acreditar que esse efeito do discurso capitalista pudesse servir para uma leitura do que acontece no Brasil. Porque aqui uma parte enorme da população não tem acesso a objetos básicos, que já foram fabricados em nossa cultura ocidental há muito tempo. Para a maior parte da população não se trata de querer a cirurgia que promete o corpo ideal, se trata de saúde básica; não se trata de buscar cursos para aumentar seu valor de mercado mais e mais, se trata de educação básica; de alimentação básica, de acesso à comunicação, sem falar em saneamento e acesso à água. Não se trata da busca de um gozo ilimitado. O discurso que reivindica acesso a esses bens, a meu ver, não pode ser entendido como um discurso na lógica dos bens. Depois percebi que o estatuto de uma reivindicação, se ela faz parte da lógica dos bens ou se está ligada à dimensão do bem comum, que dá lugar e dignidade ao sujeito, não é um dado da condição econômica. É uma questão discursiva no sentido rigoroso do conceito. O objeto de uma reivindicação só toma seu sentido a partir do lugar que é dado ao sujeito, ao significante S1, e ao saber. Me parece que sem essa leitura discursiva ficaremos perdidos em enunciados e sem capacidade de ler seus efeitos.

Isso abre a questão central para mim. Que tipo de ação, de prática, de palavra, promove o respeito ao sujeito, à castração e à dimensão do bem comum? E que tipo manipula em nós, pela reprodução do discurso capitalista, nosso amor pelo objeto? Amor que coloca o sujeito sempre na frustração, uma vez que esse desejo por um gozo sem limites não é realizável.

É nesse sentido que trago uma questão em relação ao governo Lula.

Sem dúvida o governo Lula trouxe grandes avanços ao país. Colocou a questão social no centro da questão política de modo inequívoco. Foi um governo que teve estabilidade econômica; crescimento econômico, 32% do PIB; e aumento de 23% da renda per capita. Diminuiu a desigualdade e retirou o país do mapa da fome. Lula recebeu o país com 12,53% de inflação e a deixou com 5,9. Teve também

uma atuação importante no cenário internacional.⁷ Mas inacreditavelmente na educação tivemos avanços mais problemáticos. Houve maior inclusão das classes populares na universidade e nos outros níveis, o que é muito importante, mas a qualidade da educação não mudou e o desempenho dos alunos continuou ruim. Como, nesse governo, essa não foi a total prioridade?

Lula deixou a presidência com 83% de aprovação segundo o Datafolha. A meu ver é inegável que avançamos. A questão que me coloco é sobre o significado desses avanços e suas conseqüências.

Tenho duas questões:

Por um lado Lula fortaleceu como nenhum outro na Nova República instituições de estado. Permitiu que trabalhassem de forma independente órgãos como a polícia Federal, o Superior Tribunal Federal, o Ministério Público, etc. Ou seja, fortaleceu o estado democrático de direito. Mas, por outro lado, devemos reconhecer que muito de sua ação política foi no campo do populismo. O que enfraquece a democracia. Para conseguir governar ele escolheu fazer o jogo político das velhas estruturas de barganhas corruptas que reproduzem essa relação social espúria, em detrimento de procurar apoio na organização da sociedade civil para fazer frente a esse tipo de prática. Isso ficou claro nos escândalos que se seguiram.

Embarcada nos efeitos desse laço populista, me parece que o campo da esquerda viveu uma relação de obediência ao governo. De um modo geral os agentes políticos de esquerda abriram mão da discussão política, da organização civil, do fortalecimento da institucionalidade, porque Lula era um governante que efetivamente estava realizando avanços. Acredito que isso decorre de uma dificuldade em apreender a importância do que está discursivamente organizando o laço social. Colocamos as nossas fichas em uma pessoa.

A outra questão que tenho é: Será que esse discurso no qual estamos todos embarcados, o discurso capitalista, produziu seus efeitos ali onde não se esperava, no próprio discurso “político” de Lula? Será que no lugar do cidadão foi privilegiado o consumidor? Acho estranho quando um político como Lula fala de seu próprio governo em termos da inclusão do povo mais pobre no mercado consumidor.

Será que o que veio depois e a ausência de reação com a qual ainda lidamos hoje, não tem algumas raízes aí?

Veio o governo Dilma, as grandes dificuldades econômicas e políticas, e o golpe. Esse momento da história mereceria um trabalho à parte. Muitas variáveis devem ser abordadas para tentarmos entendermos o que aconteceu. Não é o caso aqui.

Me pergunto se as massas que protestaram nesse momento não são por um lado os consumidores insatisfeitos e, por outro, as testemunhas do reencontro com as velhas estruturas de nossa divisão social. Uma vez que se desvelava novamente que o bem publico serviu ao gozo privado.

⁷ No cenário internacional participou de articulações políticas e teve um papel na abertura de relações de comércio e cooperação com países em desenvolvimento, o BRICS (China, Índia, Rússia e África do Sul). Empreendeu uma aproximação com países africanos (foram abertas 19 embaixadas nesse continente). Procurou fomentar alguma modificação no quadro de alianças e representatividade internacional.

E desse lugar do fracasso se relançou o apelo ao Um. Novamente me vem a questão de como participar da leitura desse fracasso. Porque dessa leitura, ou da não leitura, virá uma resposta. O fato é que não se recolheu desse fracasso nenhum real. Mas dessa vez o apelo ao UM foi um apelo diferente, ou esse apelo encontrou uma oferta diferente.

O que explica a eleição de Bolsonaro? No campo de inúmeras variáveis, faço um recorte.

Primeiro, na Nova República, que se inicia em 1985, nunca houve candidaturas que se propusessem a representar assumidamente o pensamento de direita ou mesmo de centro direita. Bolsonaro vem se oferecer como um representante para aqueles que nunca se sentiram representados em governos anteriores.

Um segundo fator é apontado por Michele Prado⁸, pesquisadora sobre a direita, e que se coloca como pessoa da direita conservadora, liberal. Ela nos diz que o movimento de construção da atual direita no Brasil se iniciou anos antes da eleição de Bolsonaro. Foi forjado em redes de comunicação na web onde houve intensa doutrinação por representantes do pensamento de extrema direita americano, mas também europeu. Da França apoiadores de Marine Le Pen, mas também representantes da Polônia e da Romênia. Esse movimento é anterior ao fenômeno Bolsonaro e também encontra nele seu representante. Esse grupo fornece a retórica do movimento bolsonarista. Mas diferentemente do pensamento tradicional de direita e conservador o que é visado é o rompimento do estado democrático.

Como terceiro fator e talvez o elemento mais importante, Bolsonaro veicula um discurso de ódio.

Entre a queda de Dilma e a eleição de Bolsonaro ocorreu um processo de demonização da política, da esquerda, mas sobretudo a demonização do Partido dos Trabalhadores. Assim estavam criadas as condições que levaram Bolsonaro ao poder. A sociedade brasileira foi bombardeada, pelos meios de comunicação tradicionais e pela máquina de propaganda da internet, com um discurso radical, que não tratava mais o outro como oposição e sim como inimigo. Nesse discurso o outro deve ser eliminado.

Bolsonaro se aproveita e consolida uma modificação na barra da divisão social. De violenta e hierarquizada, que institui uma relação de um superior e um inferior, de mando e obediência, a divisão passa a ser entre o Um e o nefasto. Entre o bem e o mal.

Com isso além dos sujeitos que viveram esse efeito de manipulação das paixões no campo político todo um contingente que já vinha se formando há muito tempo também encontra seu representante. A essa altura os neopetencostais já eram um exército. Já se organizaram no campo político e nos meios de comunicação de massa. Conferir o texto de Angela Jesuíno sobre o tema, *Evangélicos: qual futuro para essa ilusão?*.⁹

⁸ Entrevista concedida em 26/01/2021 a Pedro Doria em seu programa Meio no Youtube

⁹ “Evangélicos: qual futuro para essa ilusão?”, 4 de março de 2020 “Em todo caso, não devemos esquecer que a eleição de Bolsonaro se deve muito ao eleitorado evangélico, 69% dos evangélicos votou nele. Também não é estranho então, que hoje os evangélicos ocupem 38% das cadeiras do Congresso Nacional e que uma Frente Parlamentar evangélica comporte deputados de vários partidos políticos, abarcando praticamente todo o espectro de correntes políticas. Não devemos esquecer também que o descrédito da política teve resultados e se conta hoje mais adesões às igrejas evangélicas do que aos partidos políticos.”

Nós podemos fazer uma lista enorme do que é Bolsonaro. Ele um sujeito inescrupuloso. Incapaz de raciocínios complexos. Goza com a idéia da dor e do extermínio do outro. É autoritário, preconceituoso. Já deu claras demonstrações de que sua única preocupação é consigo mesmo e seus familiares. É ligado a organizações paramilitares e parte de sua base de apoio é de pessoas das forças de segurança, freqüentemente lembradas em suas ameaças de golpe.

Depois de mais de 2 anos de seu governo vivemos talvez o pior momento de nossa história republicana. Temos uma economia em frangalhos, o PIB é o pior em 24 anos. Muitos brasileiros voltaram para a linha da miséria. Voltamos ao mapa da fome. A política ambiental é de devastação. Temos a pior gestão da pandemia. São mais de 450.000 brasileiros mortos. Podemos ser tomados como ameaça global. Por várias vezes somos tomados de angústia sem saber se terá início um golpe de estado. Nos confrontamos mais uma vez com a fragilidade de nossas instituições e vibramos quando alguma consegue colocar limites a arbitrariedade do governo.

Mas Para além de Bolsonaro que é essa figura execrável, o que me preocupa mais é o fato dele ter uma base de sustentação. Dele ainda ser uma possibilidade de identificação para uma parte expressiva da população. O que me interessa é como lidar com esse tipo de adesão que não quer mais saber da verdade, que não aceita nenhuma complexidade, só quer assegurar... assegurar o que? Sua identidade? Só quer se eximir da castração? Da complexidade da vida, como dizia Freud em psicologia das massas? O que me interessa é pensar como lidar com as paixões no campo político.

E com isso concluo que nós temos uma responsabilidade com o processo político uma vez que temos a ferramenta do discurso para ler o laço social e suas conseqüências. Talvez seja muito utópico, mas me parece que não haverá saída possível se não pudermos fazer a leitura do lugar que será dado ao sujeito, ao significante S1, S2 e ao objeto em tal ou qual projeto político. A exclusão do sujeito do campo simbólico implicará seu retorno em outra dimensão. Hoje padecemos de seu retorno no mortífero campo imaginário do ou ele, ou eu. Que palavra, que tipo de lógica, pode nos dar a ver que partilhamos o mesmo tormento, o mesmo corte? Como nos disse Dr Melman no colóquio de Córdoba em 1992?¹⁰

¹⁰ Le colloque de Cordoue – Ibn Rochd, Maïmonide, saint Thomas ou la filiation entre foi et raison. Éditions de l'Association lacanienne internationale. P.32